



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/CUNTINS-CAMETÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
CURSO EM LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

MAGNUM NAZARENO CUNHA BRAGA

**O BOI-BUMBÁ, UMA CULTURA PRESTES A DESAPARECER, NO
QUILOMBOLO DE CALADOS, MUNICÍPIO DE BAIÃO-PARÁ**

CAMETÁ-PA

2022



MAGNUM NAZARENO CUNHA BRAGA

**O BOI-BUMBÁ, UMA CULTURA PRESTES A DESAPARECER, NO
QUILOMBOLO DE CALADOS, MUNICÍPIO DE BAIÃO-PARÁ**

Texto apresentado para defesa do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, com habilitação em Ciências Agrárias e da Natureza, pela Universidade Federal do Pará. Campus Universitário do Tocantins/Cametá.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Maria do Socorro Dias Pinheiro

CAMETÁ-PA

2022



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

B813b BRAGA, Magnum Nazareno Cunha Braga.
O boi-bumbá, uma cultura prestes a desaparecer, no quilombo
de Calados, município de Baião-Pará. / Magnum Nazareno Cunha Braga
BRAGA, — 2022.
33 f.: il. color.

Orientador(a): Prof^ª. Dra. Maria do Socorro Dias Pinheiro
Pinheiro

Trabalho de Conclusão (Graduação) - Universidade Federal do
Pará, Campus Universitário de Cametá, Licenciatura em Educação
do Campo, Cametá, 2022.

1. Boi bumbá. 2. Desaparecimento. 3. Escola. I. Título.

CDD 370



MAGNUM NAZARENO CUNHA BRAGA

**O BOI-BUMBÁ, UMA CULTURA PRESTES A DESAPARECER, NO
QUILOMBOLO DE CALADOS, MUNICÍPIO DE BAIÃO-PARÁ**

Data da aprovação: 29/09/2022

Banca Examinadora:

Prof.^a. Dr.^a. Maria do Socorro Dias Pinheiro (Orientadora) Universidade Federal do Pará,
Campus Universitário do Tocantins/Cametá

Prof.^a Mestre Idalina Ferreira Caldas (Examinador) Universidade Federal do Pará, Campus
Universitário do Tocantins/Cametá

Prof.^a Dr.^a Jaomara Nascimento Silva (Examinador) Universidade Federal do Pará, Campus
Universitário do Tocantins/Cametá



Resumo

O texto fala sobre o Boi-bumbá, em uma comunidade quilombola de Calados, mostrando a história dessa cultura e um processo de rejeição que pode levar ao gradual desaparecimento desta cultura. Com isso, é objetivo da pesquisa, compreender os aspectos históricos que deu origem ao boi bumbá e identificar se há interesse infanto-juvenil por esta cultura na comunidade de Calados. Como metodologia se utilizou de estudos bibliográficos, entrevistas semiestruturada e observação da realidade cultural na comunidade. Obteve-se como resultados que a cultura do boi-bumbá se encontra ameaçada, prestes a desaparecer, caso a comunidade e a escola não tome as providencias necessárias para o fortalecimento desta cultura.

Palavras chaves: Boi-Bumbá; Desaparecimento; Escola.

Abstract

The text talks about the Boi-bumbá, in a quilombola community in Calados, showing the history of this culture and a process of rejection that can lead to the gradual disappearance of this culture. With that, it is the objective of the research, to understand the historical aspects that gave rise to the boi bumbá and to identify if there is interest in children and youth for this culture in the community of Calados. As a methodology, bibliographical studies, semi-structured interviews and observation of the cultural reality in the community were used. It was obtained as a result that the culture of the ox-bumbá is threatened, it is about to disappear, if the community and the school do not take the necessary measures to strengthen this culture.

Keywords: Boi-Bumbá; Disappearance; School.

1. Introdução

O boi-bumbá ou bumba meu boi é uma festa popular, com predominância nas regiões Norte e Nordeste, que teve origem no folclore brasileiro. A festividade é patrimônio cultural imaterial da humanidade, declarada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

Na comunidade de Calados a cultura do boi-bumbá é bastante relevante, porém tem muitos desafios para se manter a mesma viva hoje em dia. Falar sobre uma temática dessa foi de suma importância em nossa visão, pois um dos participantes da pesquisa é filho desta terra, onde nesta o mesmo passou toda sua vida, até o momento que por sua vez teve que sair em busca de novos conhecimentos e de “uma vida melhor”. Então com isso, olhando para dentro da comunidade, foi possível observar toda essas problemáticas que nos remete ao tema.



Observando toda essa problemática, foi de fundamental importância falar sobre algo que é tão relevante, pois é um assunto imprescindível para a comunidade. Buscando sempre entender o que tem acontecido com este lugar, com essa cultura e tantas outras que não fazem, mas parte do cenário cultural da comunidade. A certeza de tratar de uma temática assim, nos proporcionou à vontade de falar sobre algo tão importante para a vida dos moradores que trazem consigo todas essas historicidades, assim mostrando toda a resistência de um povo e na valorização de suas histórias.

Os seres humanos têm historicamente se firmados enquanto sujeito social pertencente a uma cultura. Mas ainda assim, não é surpresa escutar alguém mencionar: “esse homem não tem cultura nenhuma”. Ou expressões como: “essa é uma gente sem cultura” (SILVA, 2008, p. 33). Ao partimos do pensamento anunciado pelas palavras anteriores, imediatamente identificamos, posicionamentos que se completam aos estudos que revelam que tais entendimentos são aferidos aos que se inserem na cultura, e são considerados no conjunto da subalternidade e dominação. Nas palavras do autor, subalternos, dominados, são:

Pessoas e famílias submetidas à exclusão social ou ao trabalho sobre domínio de indivíduos, corporações e classes “dominantes” e “opressoras”, no interior de sociedades elas próprias geradoras da oposição entre categorias de pessoas, classes sociais, “consciências” e culturas (BRANDÃO, 2009, p.731).

As culturas dominadas se autoconstroem das cinzas, pois os seres humanos que são os criadores de cultura enfrentam diversos desafios para participar, ocupar espaços, se posicionar criticamente para conseguir mostrar-se como produtores de culturas. Isso porque independentemente da classe social, a humanidade em todos os tempos, foram e são responsáveis pela produção de cultura.

Ao lermos os estudos de Brandão (2009; 2017) que traça explicações sobre cultura, compreendemos, que a cultura de um povo é diversa, inclusive dentro das especificidades. E elas surgem a partir da relação entre os sujeitos sociais e seus territórios. Nota-se que as culturas, variam conforme os grupos sociais e seus territórios. Quem reside em áreas rurais se liga a uma cultura que se difere das áreas urbanas. E dentro das especificidades urbanas ou rurais nos deparamos com culturas diferentes no modo de expressar à linguagem as manifestações corporais por meio da dança, o desenvolvimento do trabalho e produção etc. Tais pensamentos nos possibilita identificar que as culturas são criadas pelos seres humanos, e este fato os tornam por natureza, diferentes de outros animais.



A diferença em relação aos animais persiste devido à capacidade de transformação humana. Ao tomarmos o exemplo dos pássaros, identificamos que existem espécies como o João de Barro que tece sua bela casa de barro. No entanto, o formato da casa é sempre a mesma. Já entre os seres humanos, a ideia de moradia avança com passar dos tempos. Sua forma de pensar está em constante transformação. Com isso, planeja e constroem vários modelos de moradia. Isso significa que eles, não somente criam, mas transformam suas produções culturais, seja estas, pertencentes à cultura erudita ou a cultura popular (BRANDÃO, 2017). Para Chauí, (2006, p.13):

A distinção entre cultura/arte popular e erudita, embora sejam realmente expressão e consequência da divisão social das classes, aparece como diferença qualitativa, que pode ser observada: a) na complexidade da elaboração (a arte erudita); b) na relação com o novo e com o tempo (a popular tende a ser tradicionalista e repetitiva, enquanto a erudita tende a ser de vanguarda e voltada para o futuro); c) na relação com o público (na popular, artistas e público tendem a não se distinguir, enquanto na erudita é clara a distinção entre o artista e o público); e d) no modo de compreensão (na arte popular, o artista exprime diretamente o que se passa em seu ambiente e é imediatamente compreendido por todos; na erudita, ele cria novos meios de expressão, de maneira que sua obra não é imediatamente compreensível a não ser para os entendidos, que por isso a interpretam para o restante do público).

Vimos na definição apresentada que distinção entre cultura erudita e popular transpassa pelo conceito de classe. Logo, entendemos que o espaço onde se insere a cultura do Boi-Bumbá é o da cultura popular, situando-se como um componente do contexto das festas populares que na opinião de Marques e Brandão (2015, p. 15) “as festas populares são manifestações da cultura local de diversos destinos brasileiros”.

O Boi-Bumbá do qual iremos tratar, localiza-se em um contexto rural do município de Baião, no estado do Pará, na comunidade quilombola Calados. Essa cultura tem resistido ao tempo e tem passado por várias gerações, mas no presente contexto identifica-se que a comunidade, tem introjetados outros aspectos culturais no seu cotidiano especialmente com o intenso crescimento das mídias virtuais. As mídias virtuais são direito de todos, mas por outro lado, envolve crianças, jovens e adultos em uma rede de relações solitárias do ponto de vista real, afasta as pessoas do envolvimento direto com a cultural local.

Ao se afastar da cultura local, as pessoas podem perder o interesse pela sua propagação. Isso acarreta problemas, um deles está relacionado à identidade cultural de um povo. É isso que a cultura do boi-bumbá significa para história de seus antepassados. Isso é



verídico no pensamento de uns entrevistados que aparecem ao longo do texto. Nota-se que parte significativa da juventude desconhece a cultura do boi-bumbá ou não gosta de participar destes momentos em que se envolve essa organização cultural na comunidade. Isso faz a cultura do boi-bumbá não ser interesse de parte da infância e da juventude, e tal situação pode favorecer para que ocorra seu total desaparecimento.

Em vista destas circunstâncias, o nosso problema de pesquisa versa entender: O boi-bumbá é uma cultura prestes a desaparecer, no quilombo de Calados? Ligado a esta problemática foram organizadas as seguintes questões norteadoras: A cultura do boi-bumbá de Calados, desperta interesse para conhecer/brincar das novas gerações? Qual a relação entre a cultura do boi-bumbá de Calados e o currículo escolar? Com isso, elaboramos os objetivos da pesquisa, a saber:

a) Objetivo geral – Compreender os aspectos históricos que deram origem ao boi-bumbá, para identificar a relação entre essa cultura na comunidade de Calados e o currículo da escola, e assim entender como a cultura do boi-bumbá tem despertado interesse das novas gerações.

b) Objetivos Específicos –

- ❖ Analisar as manifestações culturais do boi-bumbá de Calados, no sentido de averiguar se esta desperta interesse para conhecer/brincar das novas gerações;
- ❖ Buscar conhecer a relação entre a cultura do boi-bumbá de Calados e o currículo escolar;

Para o desenvolvimento do estudo, nós nos comprometemos em utilizar como metodologia os estudos bibliográficos, entrevistas semiestruturada e observação da realidade cultural na comunidade. Os resultados trazem indicativos que mostram que a juventude não tem interesse em manter essa cultura e a escola por sua vez, quase nada tem feito para manter vivas, as raízes ancestrais dessa festa popular na comunidade. O nosso receio é que, esta tradição desapareça com os mais velhos e fiquem apenas, os registros históricos de cultura que se sucumbiu.

2. PERCURSO DE BUSCA, DOS ACHADOS DA PESQUISA

O estudo transita no entorno de uma abordagem qualitativa no qual seus dados foram coletados nos períodos de julho a novembro do ano de 2021 e nos três primeiros meses de 2022. Para concretização deste propósito, realizou-se uma pesquisa de campo, no qual se utilizou para



obtenção dos dados, a entrevista semiestruturada, agendada com antecipação com representantes da comunidade e da escola, fez-se a observação da realidade cultural da comunidade, dialogou com pessoas de maneira formal e informal para obtenção das informações exploratórias. Para registrar os achados da pesquisa apropriou-se de alguns materiais como: o aplicativo de gravador de voz do aparelho de celular, caderno de campo, canetas para anotações e, o registro fotográfico.

Para uma melhor obtenção dos dados, buscamos pessoas para dar suporte a essa pesquisa, pessoas que fossem ligadas diretamente com a cultura, com a escola e com adolescentes e jovens, dos quais, todos são da comunidade de Calados. Buscar pessoas que fazem parte deste meio cultural, da entidade escola e esses jovens, foi de fundamental importância para poder ter as respostas que seria de extrema relevância para o estudo aqui abordado.

Desse modo, é possível dizer, concordando com GIL (2008, p. 27) que “trata-se de uma pesquisa exploratória, pois ela possibilita-nos ter uma visão geral sobre um fato específico, principalmente quando há pouca exploração sobre o tema escolhido”. Com um diálogo bem amistoso foi obtendo, informações importantes para a pesquisa, após marcar com os participantes as entrevistas que no processo de distribuição do tempo variava de 30 minutos há uma hora de tempo, conforme explanavam suas argumentações para realização das entrevistas com questões organizadas antecipadamente. Com isso, conseguimos obter um conjunto de informações para a elaboração deste artigo.

Na opinião de Konder (1981, p.49) “para desbravar esse novo espaço, a dialética modifica os instrumentos conceituais de que dispõe: passa a trabalhar, frequentemente, com determinações reflexivas e procura promover uma ‘fluidificação dos conceitos’. Não se assuste com essas expressões”. A pesquisa se deu em meio à pandemia do novo coronavírus, momento impactante para toda a população, e no quilombo não foi diferente, pois ocorreu paralização de atividades, dentre elas, as manifestações das culturas populares. Ao observar os resultados e discussões advindas dos achados da pesquisa, constatamos que existe indicativos que merecem reflexões críticas por parte do pesquisador, da escola e da comunidade responsáveis por seus marcos culturais presente em seu território.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nós disponibilizamos a apresentação dos resultados e discussões por meio de alguns itens, que foram criteriosamente organizados, no sentido de melhor apresentar o conteúdo das



informações obtidas no percurso do estudo, e se desdobrará como: Traços históricos da cultura do Boi-bumbá no Brasil. A localização de Calados e seus aspectos histórico-culturais, finalizando com o item, dialogando com os participantes da pesquisa.

3.1 Traços históricos da cultura do Boi-bumbá no Brasil

O Boi-bumbá é uma cultura que muitos veem simplesmente como uma dança folclórica, quando na verdade o conteúdo de seus rituais possui traços marcantes de expressões artísticas que se manifesta no contexto da cultura popular brasileira e se apresenta de maneira intensa nas regiões Norte e Nordeste do país. De acordo com o pensamento de Silva (2011) “tal festa, através de sua dança e as estruturas artísticas, apresenta cenas do cotidiano da vida de vários povos e etnias” SILVA (2011, p. 227).

Ao refletirmos sobre os estudos do autor mencionado, identificaremos que o Boi-bumbá apresenta em seus marcos históricos traços que resultam da união de elementos das culturas europeia, africanas e indígenas, com maior ou menor influência de cada um desses rituais. O maior destaque desta festa se dá no estado do Amazonas, com o famoso festival de Parintins, que conforme os estudos deste autor, “esta é uma das manifestações que representa o Brasil no exterior e que faz parte do ciclo de festas juninas do calendário oficial do mesmo, sendo realizado anualmente no final do mês de junho na cidade” SILVA (2011, p. 228).

Em Parintins, segundo SILVEIRA e NAKANOME (2021, p. 138) uma perspectiva é totalmente voltada aos projetos de intervenção e regeneração urbana com forte participação das comunidades que ora colaboram na construção de linguagens plásticas, ora se chocam com provocativas instalações que as convidam a pensar sobre o significado do lugar, das memórias e dos afetos envolvidos em sua construção no estado.

Depois de Parintins no Amazonas, outro estado brasileiro em que o Boi-bumbá é muito festejado é o Maranhão, no qual se manifesta o festival do Boi-bumbá em meio a muita representatividade, como por exemplo, nas comemorações das religiosidades populares em que os santos populares são festejados em uma determinada região ou localidade e no período em que se realizam as festividades juninas (IDEM).

Segundo o site de notícias da Internet (IPHAN, 2015), aonde o mesmo informou sobre o projeto “o boi vai à escola, integra alunos do ensino fundamental a cultura maranhense”, onde busquei aprofundamentos sobre esta cultura nas escolas das regiões do Maranhão:



Alunos de São Luís, no começo do ano de 2015, puderam participar do projeto O Boi vai à Escola, que tinha como objetivo a valorização da cultura do estado. Essa iniciativa foi do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) em parceria com a Secretaria Municipal de Educação (Semed) e Fundação Municipal de Cultura de São Luís (Func). Então vemos que esses estados têm se manifestado com relação a cultura do boi-bumbá e transgredindo para o campo educacional. (IPHAN, 2015, p. 01)

Ao observarmos os estudos que definem os marcos históricos do Boi-bumbá, nota-se que seu surgimento se dá no século XII, com a inserção do “Auto de los Reyes Magos” (MOISÉS, 1985, p. 49), chega em Portugal no século XV e no Brasil no século XVII sob a influência de alguns padres da igreja católica, conforme apresenta o estudo que diz:

A cultura do Boi-bumbá surgiu no final do século XII, de uma antiga manifestação, que tinha como nome de “*Auto de los Reyes Magos*”. Ao chegar a Portugal no início do século XV, foi desenvolvido por Juan Del Encina, a partir de 1502. Gil Vicente, encenou-o num auto chamado de Monólogo do Vaqueiro ou auto da Visitação. Para os brasileiros, o auto do Vicentino chegou por volta do século XVI, trazido pelo padre José de Anchieta. Escritos como esses, eram usados na educação dos colonos e, nas aulas de catequese. Nesse período os elementos do auto original começaram a ser mesclados com aqueles culturais indígenas e africanos, culminando na transformação do auto em uma manifestação popular e folclórica brasileira (MOISÉS, 1985, p. 49).

As evidências históricas nos possibilitam entender que a cultura do Boi-bumbá possui um conjunto lendário e histórico diferentes, que foram se transformando a partir do contato com as culturas dos povos indígenas e africanos presentes no Brasil, que acrescentam novas composições significativas, fazendo surgir uma cultura com características próprias do país e de cada região.

Nessa perspectiva, evidenciam-se pelas referências expostas que cada região no nosso país, conta uma versão particular em suas apresentações, assumindo não só uma variação de lendas, histórias, nomes diversos, transformando-se de um lugar para o outro. Isso é expressamente visível, no pensamento de Costa (2001, p. 60) que assim pontua:

É Bumba-boi ou Boi-bumbá, no Norte; Boizinho ou Boi-de-jaca, em São Paulo e no Rio Grande do Sul; Boi-de-mamão, no Paraná e Santa Catarina; Boi-surubim, no Ceará; Boi-surubi ou Boi-calemba, em vários municípios do Nordeste; Boi-de-reis, no Espírito Santo; Boi-duro, em determinados municípios da Bahia, onde existem, ainda, as variações Mulinha-de-ouro e Dromedário.

Como se ver, as denominações que essa cultura recebe em todo território brasileiro, varia de um lugar para outro. Isso torna a manifestação conhecida e vivenciada nos espaços em que se manifestam a cultura popular das regiões brasileiras como tem ocorrido na comunidade quilombola de Calados, Baião-Pará, que no decorrer da história destes povos, batizaram com



os nomes de Boi-bumbá e boizinho, popularmente também, conhecidos como Flor-do-campo e Estrela Dalva.

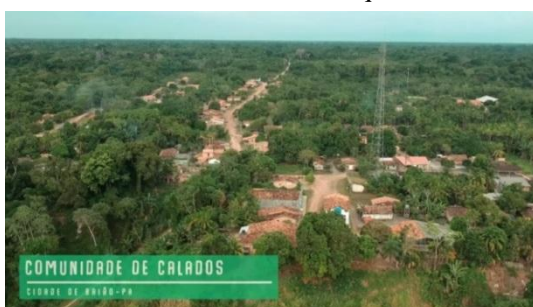
3.1. A localização de Calados e seus aspectos histórico-culturais

Quando falamos de um território específico, devemos nos atentar aos seus aspectos geográficos, mas é importante avançar para conhecer outras questões relacionadas as diferentes culturas locais, às realidades sociais, crenças entre outros aspectos relevantes. Com isso, o estudo aqui exposto tende por objetivar contar as histórias e tradições culturais desse lugar, que se identifica como quilombola. Em um texto feito pela professora de Geografia Rosaly, pertencente à comunidade de Calados, ela registra:

Calados, é uma comunidade quilombola, fundada no dia 25 de julho de 1863. Localiza-se à margem direita do Rio Tocantins denominado como 1º Distrito de Baião, há aproximadamente 18 km da sede do município. Para se chegar ao local, dar-se por via fluvial ou rodoviário. O acesso rodoviário encontra-se sem pavimentação, ou seja, as rodovias são de chão de barro, às vezes sem um piçarramento apropriado que possibilite circulação de pessoas motorizadas. Desse modo, a estrada do Maracanã e Limãozinho são as únicas a dar de chegar até a vila. Vale pontuar que, faz limites ao Norte com a comunidade de Santa Fé, ao Sul com a Vila Dutra, a Leste com o Caranazal e a Oeste com o Rio Tocantins (Rosaly, entrevista jun./2017).

Como vimos à comunidade não é tão distante da sede deste município. O acesso pode ser realizado pela via rodoviária ou fluvial. O acesso fluvial ocorre pelo Rio Tocantins, um espaço de travessia, mas, além disso, o rio é o principal meio de subsistência da população local. A área quilombola de Calados é uma vila dentro do território e abriga uma área de mata, conforme se apresenta na figura 01.

Figura 01: Vista área da comunidade quilombola de Calados



Fonte: Danilo Andrade, em 30 de setembro de 2021.

Conforme se observa no registro fotográfico, a comunidade de Calados, se mantém com uma paisagem vegetal, onde o verde se destaca em meio às residências, igrejas e pontos comerciais. Nota-se na imagem um cenário com diversas construções de alvenaria, umas



próximas das outras, uma situação que permite caracterizar o referido espaço geográfico, como um vilarejo que se constituí, como uma pequena fração do território rural do município de Baião.

Ao seguir com o texto, trazendo a abordagem sobre o que ocorreu nas entrevistas, é possível fazer reflexões sobre o que vem acontecendo na comunidade e mostrar por intermédio das entrevistas feito com pessoas totalmente distintas e idades diferentes como eles pensam e observam a vida, a história, a cultura e a educação em Calados. As pessoas escolhidas para obtenção das respostas, os adultos, foram escolhidas a dedo, pois eles têm muitos mais conhecimentos sobre a cultura, já os jovens e os adolescentes foram pessoas que se disponibilizaram para a entrevistas, haja vista que, outros não quiseram participar desta pesquisa.

3.2. Dialogando com os participantes da pesquisa

Os registros das observações de campo foram feitos na localidade, tendo como ponto de partida as entrevistas com alguns moradores e as anotações em decorrência das apresentações dessa manifestação cultural foram fundamentais para o estudo. Neste sentido, em diálogo com o seu José, um antigo morador da comunidade de Calados, com 76 anos de idade, nos relatou que a vila recebeu este nome em homenagem ao primeiro morador, que teria como parte de seu sobrenome a expressão “Calados”. Essa denominação é uma atribuição dada como forma de gratidão a um morador mais antigo da localidade, que até os dias atuais, neste local reside. No entanto, relembra o participante da pesquisa que:

Antes o lugar era chamado de Irmandade, não sabemos o porquê, e já era habitado por um morador que tinha o nome de Antônio Calados, ele começou sua vida construindo sua casa no lugar onde hoje é a Rampa. Neste mesmo lugar, construiu sua família e se mantinha da sua agricultura e da pesca. Com o passar do tempo, todos começaram a se deslocar e tomar caminhos diferentes. Tempos depois e gradativamente vieram outras famílias como as do: Cândido Siqueira, José Medeiros, Raimundo Ribeiro, Pedro Magnum Machado e Catarina Medeiros. Assim, eles homenagearam o primeiro morador, colocando seu sobrenome como o nome da Comunidade, desde então, a comunidade se chama Calados (José, entrevista, fev./2018).

O relato do expositor da pesquisa revela traços importantes da história da comunidade que se processa com o crescimento populacional, que segue seu percurso com a vinda de outras famílias, que, de acordo com os entrevistados, as residências daquele momento, eram construções feitas com argila, outras foram edificadas por meio da extração de madeira, parte



delas com tábuas retiradas de palmeiras do buritizeiro/miritizeiro. Tinham coberturas de palhas, telhas e ficavam distantes umas das outras.

Naquele momento, a realidade dos camponeses deste quilombo era mais árdua, pois não havia estradas, eram apenas caminhos feitos pelos moradores que ali residiam, tendo as áreas ao redor, se mostrando toda verde, de mata virgem. Esses habitantes sobreviviam unicamente da caça e da pesca, tendo também como subsistência o plantio de lavouras, colheita de frutos e sementes, como é o caso da castanha do Pará. Destas plantações, também era feito a extração do látex, de madeira como maçaranduba, Angelim, ipê etc. e ainda era possível obter recursos com produção de tabaco e a de pele de animais. Sobre estas questões descreve Toledo, (2008, p. 75) que,

[...]. Até meados da década de 1940, os produtos industrializados adentravam no interior da Amazônia e chegava às comunidades ribeirinhas através de embarcações conhecidas como 'Regatão', que percorriam os rios da floresta vendendo seus produtos.

O fato descrito no estudo, também ocorreu com os antigos moradores de Calados. Eles tinham acesso aos produtos industrializados no porto da comunidade, onde adquiriam a compra dos produtos duas vezes ao mês, ou seja, a cada 15 dias. Vale ressaltar que os moradores da vila, tinham muita dificuldade para vender seus produtos coletados na região, pois não havia comércio, rampa para dar acesso ao rio e nem um local apropriado para essas embarcações atracarem, onde essas poderiam dar suporte para esses indivíduos.

No entanto, em 1942, chegou ao quilombo de Calados um Cametaense, chamado João Moreira, que implantou o primeiro comércio na comunidade, que veio a ser denominado como CUCHUARÁ. Este senhor se firmou por ali, constituindo sua família na localidade e juntando suas forças com outros moradores, fundaram a "Irmandade" (primeiro nome da vila), construíram primeiro espaço para funcionamento da Igreja Católica, a rampa e o primeiro barracão comunitário.

O Comércio Cuchará foi de suma importância para a localidade e outras regiões, pois contribuiu nas compras de produtos industrializados e na venda de produtos cultivados e extraídos da floresta. Com isso, não era mais, tão necessário esperar o regatão, pois a vida dos moradores começava a mudar.

É importante frisar é, que até meados da década de 1960, quase não havia pessoas com trabalhos assalariados na localidade. As relações de produção se baseavam na troca direta dos produtos retirados da floresta, como por exemplo, o látex da seringueira, a madeira



maçaranduba, o tabaco e outros eram trocados por produtos industrializados como o remédio, querosene, sal, açúcar etc.

Na época, a comunidade, vivia sem acesso as políticas públicas, pois permanecia embrenhada floresta à dentro, por esse motivo desenvolvia uma economia rudimentar que se dava em função do rio, se encaixando em várias realidades da vida ribeirinha, que faz parte da vida deste povo, como seu principal meio de subsistência. Isso significa que a água consumida, não era encanada, por falta de esse olhar dos líderes para com a população local, então as pessoas encontravam outros meios para conseguir suprir essa necessidade, que era buscar água nos igarapés, no rio e no olho “d’água” que brotava nos barrancos próximos dos rios.

3.2.1 A base alimentar de Calados e a expansão da cultura

A base alimentar da população de Calados era o peixe, a caça e a criação de animais, como: galinhas, porcos, patos, perus, gados etc. No entanto, foi possível perceber na fala dos entrevistados que, o rio se destaca com fonte de abastecimento de água e de suas culturas agrícolas. É um espaço de garantia de alguns alimentos, para trafegar de um lugar a outro dentre outras coisas, identifica-se o tamanho a sua importância para a comunidade.

Do rio se extraí alimentos, constrói uma linguagem e se cria outros aspectos centrais para cultura local como os marcos lendários culturais presentes na lenda do boto, do matintaperera, cobra grande, do cavalo sem cabeça, entre outras. No entanto, sobre este universo lendário, os pescadores contam estas aos seus ouvintes, encenando uma linguagem que ora provoca alegrias, apreensão, arrepios e medos, onde uns acabavam não frequentando espaços coletivos da tradição cultural do quilombo.

É importante pontuar que por ser uma comunidade de baixa renda, as famílias começaram a introduzir o cultivo da pimenta-do-reino na localidade nos anos de 1990, assim facilitou “um pouco” a transformação rápida na economia na região. A introdução da pimenta-do-reino proporcionou a aquisição de bens materiais que contribuiu para terem mais qualidade de vida ao conseguir residência em alvenaria, reforma de umas que eram construídas de madeira, compras de eletrodomésticos etc.

Ao adquirir eletrodomésticos se depararam com o problema da ausência de energia, nos territórios rurais do município, que durante muito tempo perdurou como luz noturna o uso de lamparinas, lampiões e os motores movidos a óleo diesel, que funcionavam das 18h00min às 22h00min horas da noite, isso se repetiu diariamente, por anos, mesmo tendo uma hidrelétrica no município vizinho.



Vale mencionar que somente a partir do ano de 2006 que as famílias passaram a ser beneficiada pela energia elétrica produzida na Hidrelétrica de Tucuruí, com a introjeção do “Programa Luz para Todos”, criado pelo governo do presidente, Luiz Inácio Lula da Silva. O acontecimento melhorou, pois contribuiu para o armazenamento de produtos cultivados na agricultura quilombola. Os anos se passaram e embora ainda tenha carência de diversas políticas públicas, a comunidade em si, veio a crescer em termo de território, organização interna e populacional. Isso corrobora com o que pontua Caldart, (2006, p. 29) que assim, relata:

No decorrer da caminhada foram se constituindo expectativas, medos, questionamentos, dúvidas e ansiedades, por parte dos habitantes ali presentes. Para um povo que estava a começar sua vida de outras formas, a valorização das culturas locais poderia ajudar esses a se identificar como comunidades tradicionais sem perder seus costumes e tradições.

Culturalmente, a comunidade se mostrava forte, ao compreender suas tradições e conquistas como fruto de lutas organizadas para ter energia e outras políticas públicas, pois entendem a cultura na visão de Larraia (2001, p. 31-33) compreende que “a cultura era utilizada para simbolizar num complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, leis, costumes, a qualquer outra capacidade os hábitos adquiridos pelos humanos como membro de uma sociedade”.

Nós concordamos com Larraia, de que a cultura se agrega a uma complexidade de símbolos, conhecimentos, crenças construídas pelos seres humanos, mas que podem ser modificados para o bem-estar da população e da natureza. E mais, em Calados além da cultura do Boi-bumbá, existem outras festas populares que são acionadas em determinados períodos, mas não se fecham exatamente naquele tempo, como o Carnaval, a quadrilha, o samba de cacete, a farinhada, as festas das padroeiras da comunidade, e hoje em dia, como forma de recuperação da cultura do boi, o boizinho vem forte nos últimos anos.

Essas culturas presentes na comunidade têm seus pontos importantes para formação dos sujeitos locais, cada qual em seu contexto, como aponta (LARAIA, 2001), que “a participação do indivíduo em sua cultura é sempre limitada; nenhuma pessoa é capaz de participar de todos os elementos de sua cultura. A participação de um indivíduo em sua cultura depende de sua idade e de sua preferência por tal cultura”. Outros autores explicam:

A relação dialética entre o homem, a cultura e a sociedade, com a sua dança abre a possibilidade da diversidade cultural, principalmente no que concerne a diferença nos movimentos; nos gestos, nas intenções comunicativas das ideias, dos sentimentos; ou seja, dos contextos



existentes em cada grupo social pertencente àquela cultura (TONETO; TRIGO E UVINHA, 2017, p. 136).

Na ideia apresentada nota-se que a dança não é apenas movimentos e gestos. Ela aborda outras características relevantes como as expressões de comunicação e de sentimentos de um grupo cultural. Por isso não é suficiente dançar. As pessoas precisam ter interesse, gostar, se doar, se comprometendo umas com as outras para inferir no desempenho de cada movimento que une corpo e mente. Tendo em vista que, cada um tem suas especificidades. E, é muito difícil interagir em todas, com máxima eficiência. Por isso, as várias formas de danças pertencentes à comunidade são diversas e exige situações marcações diferentes do boi-bumbá.

O samba de cacete como uma das mais antigas expressões culturais de Calados teve início, antes da cultura do boi-bumbá. E sua forma de desenvolvimento é diferente. Outra tradição cultural, é a dança da “Farinhada”, muito popular entre os mais antigos, foi muito praticada na comunidade. Entretanto, com o passar dos anos, ela desapareceu de tal modo, que atualmente não se vê mais essa expressão cultural. Por sua vez, foi um grande marco na historicidade de Calados, pois, se mostravam presente, na vida dos residentes daquele lugar.

Temos outros aspectos culturais na comunidade como a festa das padroeiras, com a festividade de Santa Maria que ocorre no mês de agosto e Nossa Senhora da Conceição, que acontece dezembro. Essas festas são festejadas há muito tempo, desde que a comunidade passou a ter suas primeiras famílias, que então fizeram a Igreja e a partir daí deu início a essa tradição cultural. O carnaval, na visão de um entrevistado,

O Carnaval de antigamente era diferente desse de agora, que basta comprar a “abada” que faz parte do bloco...na nossa época não... na nossa época a gente comprava fantasia para brincar, ia dançar nas comunidades vizinhas e tudo mais... e hoje em dia a gente não vê mais isso, a gente vê só aquele povo pulando na rua, e não sai para lugar nenhum”. (Maria Carmina, entrevista out/2021).

O carnaval surgiu anos atrás, mas foi se modificando, tornou-se uma expressão cultural em decadência hoje em dia. A cultura de maior interesse juvenil em Calados é a quadrilha junina com a fundação aproximadamente em meados dos anos 2000. Isso é perceptível nas entrevistas, em que se observam as opiniões dos jovens, sobre suas preferências culturais na localidade:

“Eu tenho mais interesse pela quadrilha, porque gosto e porque a gente viaja para outras localidades para apresentar, e a gente conhece algumas pessoas, e é por isso que gosto mais dela”. (Marquinhos, entrevistado)

“[...] a quadrilha, acho muito bacana, [...] eu tinha mais vontade de participar vontade porque eu achava muito bacana, sair daqui para dançar em outros lugares, essas coisas [...]”. (Roberts, Entrevistado)



“Na comunidade tem o Carnaval, a quadrilha, o samba de cacete, a farinhada, só que entre essas, eu gosto mais de quadrilha”. (Jussara, entrevistado)

Os relatos demonstram preferências culturais da juventude de Calados. E as quadrilhas juninas se encontram como uma atividade de maior interesse em relação aos demais atos culturais existentes na comunidade. Além de uma preferência particular dos jovens participantes da pesquisa, o fato revela que Calados como uma comunidade quilombola tradicional, está subordinada as manifestações de vários aspectos culturais. Isso corrobora com os estudos que afirmam que as comunidades tradicionais, todas em suas especificidades possuem formas de culturas variadas em seu território. Nessa perspectiva, (Caldas; Filho e Pinto, 2013, p. 01) afirmam que:

Toda comunidade tem uma manifestação popular: no caso do que está sendo estudado, um grupo de dança, uma festa de samba de cacete, uma de um grupo de bumba-meu-boi, além de diversas outras práticas, que carregam consigo o apelo a dança e a oralidade.

As manifestações da cultura popular de uma localidade se fazem notar pela sua importância, bem como, para manutenção de suas raízes históricas e de identidades culturais. Em Calados, uma das culturas mais expressivas é o Samba de cacete seguido do Boi-bumbá. Essas são uma marca culturalmente forte para os moradores locais, pois eles se identificam com a dança, com a festa, entre outros, e é preciso zelar e ter o cuidado para não deixar morrer uma cultura que é tão rica em informações, musicalidade, corporeidade, enredo, movimento, dança etc.

No esforço de se fazer investigação e aglutinar um amplo repertório desses saberes tradicionais de comunidades ribeirinhas, quilombola, camponesas e de várias partes do mundo, os autores tendem por elaborar o conceito de memória biocultural, cuja formulação requer uma aproximação de investigação entre as ciências naturais e as ciências sociais para se ter um entendimento de tal situação cultural (TOLEDO, 2008, p. 27-28).

Os saberes tradicionais das comunidades de uma maneira geral são repassados aos seus herdeiros de geração a geração, trazendo consigo a ideia de que os traços culturais possam explicar essa relação hereditária. É o que se organiza nas reflexões que descrevem sobre a cultura do boi no sentido de buscar compreender se a cultura do boi desperta interesse para



conhecer/brincar das novas gerações sobre as manifestações culturais representadas pelo Boi-bumbá, e as ramificações do boi nominadas de Flor do Campo e Estrela Dalva.

3.3. A manifestação cultural do Boi-bumbá: aspectos históricos e sociais

A cultura do Boi-bumbá, segundo relatos dos entrevistados mais antigos, com quem nós dialogamos um pouco, a mesma se deu lá pelos anos 1950 há 1960, bem antes de um morador chamado Getúlio Medeiros (figura 02) vim para comunidade, essa festa já se encontrava disseminada pela região, como aponta o mesmo em diálogo, no qual explica:

Olha, quando eu cheguei aqui já existia todas essas culturas, isso lá pelos anos 70, tinha um senhor chamado “tio Veiga” que “butava” para cortar o cordão do bui, ele também era quem animava junto com outros antigos moradores o samba de cacete... só que de uns tempos para cá, os mais velhos foram morrendo, então esse pessoal morre e é a gente que toma conta... como aconteceu com o bui” (Getúlio, entrevista. out./2021).

A comunidade trás em suas histórias uma quantidade enorme de conhecimento empírico, se mostrando em todos os envolvidos nas culturas locais. Por isso há uma tentativa de entender o porquê que os mais jovens não se interessam por suas tradições, que nos anos atrás os velhos tinham tanto gosto para brincar em todas as formas de danças. O Boi-bumbá é o que resiste bravamente a essas faltas de interesse dos moradores atualmente, contando com a contribuição do Seu Getúlio Medeiros, como vemos na figura 02 abaixo.

Figura 02: Getúlio Medeiros no meio do Boi-bumbá na hora da entrevista



Fonte: Francielma Brito, em 29/10/2021.

Como se observa na imagem acima, seu Getúlio já um senhor de idade, aposentado, de pele negra, aparenta ter um gosto muito peculiar pelas culturas da comunidade. Na foto é possível observar todo seu saber empírico nas construções de seus objetos para a resistência



dessa cultura que para ele é muito rica, que na visão de ZENELLA (2013), “o conhecimento empírico é também chamado de conhecimento prático, popular, vulgar ou de senso comum”.

Como já dito acima, o grande propulsor da cultura do boi-bumbá foi senhor, conhecido como Tio Veiga, que veio a óbito, devido sua avançada idade. A partir daquele momento, Seu Getúlio se responsabilizou pela organização da cultura do Boi-bumbá em Calados dando-lhe o nome de “FLOR-DO-CAMPO” e ESTRELA DALVA.

3.3.1. Flor-do-Campo e Estrela Dalva como expressões da cultura do quilombo de Calados

Calados como todo local habitável por seres humanos, possui uma base econômica que se dão, a partir da agricultura familiar, com o plantio de roçado de mandioca, frutas como cacau, acerola, jambo, goiaba, abacaxi, pimenta do reino e outros. Deu-se a origem ao quilombo a partir da inserção humana neste território, um fato que permitiu o surgimento de acervos culturais que se mesclam com outras histórias ao longo do tempo. Desse modo, o Boi-bumbá de Calados, contava no momento da pesquisa com 50 anos de existência, desde que foi fundado. No relato de um entrevistado, notam-se as referências relevantes sobre o surgimento do boi.

Olha quando eu vim para cá, tinha toda essa cultura, o tio Veiga que botava para cortar o cordão do boi, né... e o samba também já tinha. Só que de uns tempos para cá, os velhos foram morrerem e a gente toma conta, como aconteceu com boi. Aí eu tomei conta do boi. O que eu me lembro que quem colocou o primeiro boi aqui foi o tio Veiga, aí eu era solteiro e eu gostava de participar, porque quando eu morei em Baião, eu vi o boi de lá, o boi do Zé Piano, e eu era fã dele (Seu Getúlio, entrevista. Out./2021).

Ao observar o pensamento exposto, foi possível identificar a preocupação em mostrar uma das manifestações culturais antigas, que se apresentam com o corte do cordão do boi, e para os que aprenderam a valorizar este aspecto da cultura, que envolve diversos brincantes numa ação coletiva que assumiam como tradição da cultura popular.

Falando um pouco dessas culturas populares, temos o Flor-do-campo, aonde esse é a festa do boi, conhecido pelos moradores da comunidade como boi grande, que visa envolver somente os jovens e adultos na roda da dança. Enquanto o outro, é o Estrela Dalva, que é popularmente conhecido como o boizinho, aonde nesta dança, os componentes são crianças da



comunidade, e de comunidades vizinhas, essa então vem sendo utilizada como tentativa de resgate de manifestação cultural.

A cultura do boizinho, a cada ano fazia suas apresentações, porém com o passar dos anos, também é possível observar que não é mais como começou. Por isso vimos essa necessidade em abordar sobre essa cultura, que para muitos é tão rica, mas por outro lado, com a diminuição do número de brincantes e de pessoas interessadas nesta cultura, tememos que ocorra o desaparecimento dessa cultura.

Com isso, o boi-bumbá de Calado, está com cerca de 50 anos, desde o início de sua existência. No entanto, vale ressaltar que, o “flor-do-campo” não há registros de fundação em documentos oficializados, são informações apresentadas pelos participantes da pesquisa que conhecem as narrativas dessa criação.

“Eu era ‘solteiro’ e eu ‘gostava’ de participar, porque quando eu murei em Baião, eu via o bui de lá, era o bui do Zé Piano, e eu era fã dele. Aí eu vim para cá pra Calados e comecei a brincar o bui com o tio Veiga, aí com isso eu me aprofundi ‘milhor’ e foi aí que, quando o tio Veiga morreu, eu tomei conta, e está funcionando até agora” (Sr. Getúlio, entrevista, out. /2021).

A cultura do boi-bumbá sempre foi um desafio, ainda mais nos últimos anos, pois não havia investimentos por parte do poder público. Por ser um local de quilombo não era reconhecida legalmente na época, enfrentaram muitos problemas financeiros. Tais dificuldades faziam com muitos brincantes desistissem, pois havia recursos para a compra de vários acessórios importantes colocarem a cultura nos locais para apresentação.

Como destacam os estudos de Toneto; Trigo e Uvinha, (2017, p. 138) as formas de organização e apresentação do boi seja o boi-bumbá ou bumba-meu-boi em cada região em que se brinca, vai requerer: vestimentas dos brincantes, os instrumentos musicais, certos movimentos coreográficos, entre outros. Em Calados a narrativa apresenta a encenação de alguns personagens como: O “pai Francisco”, a “Mãe Catirina”, o “Amo” e o dono do Boi. Isso nos faz recordar o pensamento de Azevedo Neto (1997, p. 75), que assim, destaca:

O caráter alegórico do ato, no qual os personagens atuam juntas as lendas neles envolvidas, num tragicômico, sendo a estrutura dramática do enredo acenando provida de um pouco de comédia, nas situações e falas dessas mesmas personagens. O desenrolar da estória, nas situações contracenadas e nos diálogos que envolvem o



viés cômico, retrata a realidade dramática do cotidiano social nos vários locais onde se dá essa cultura.

As festas populares possuem características próprias. Uma envolvem personagens, aspectos lendários que retrata parte da realidade destes povos. No caso do boi, a brincadeira envolve um enredo, que requer atenção de quem brinca e dos que vão assistir essa apresentação. No caso do Boi-bumbá de Calados, um participante da pesquisa, expõe como se processa a encenação:

A encenação do boi começa quando o pai Francisco com a mãe Catirina, sua esposa, tentam matar o boi, porque o boi começa a dá prejuízo na roça deles, aí eles matam esse boi, esse vem a ser o começo da história. O vaqueiro e outros camponeses vão da parte para o “amo”, esse é o verdadeiro dono do boi, falam para ele que foi o pai Francisco que matou o boi, e aí o “amo” começam a pressionar o vaqueiro para trazer o pai Francisco para falar com ele, então mandam o vaqueiro com seus cúmplices buscar ele, nesta hora esses vão até ele e não o trazem. Então como forma de que seu pedido seja atendido, o “amo” manda o vaqueiro e um soldado, que vão até o pai Francisco e o trazem, o pai Francisco se defende dizendo que não foram eles que mataram o boi, e sim os índios. O “amo” manda o vaqueiro e o soldado irem buscar os índios, vão a encontro dos índios, e eles trazem os índios, mais aí os índios também falam que não foram eles que mataram o boi. Acontece uma discussão lá do pai Francisco com os índios, com o vaqueiro. Os índios e o vaqueiro jogam a culpa no pai Francisco, ao não aguentar a pressão sobre ele, o pai Francisco acaba por assumir a culpa de ter matado o boi do “amo”. Conta que foi ele quem matou o boi porque estava dando prejuízo para ele, comendo seus alimentos de sua roça. O “amo” começa a falar em chamar o doutor (médico) porque o boi poderia estar vivo e não morto, é então que eles chamam o doutor, esse doutor examina o boi e diz que ele não está morto. O doutor ensina um remédio capaz de recuperar o boi, e acaba que é isso mesmo que acontece. O boi se recupera e se levanta, deixando todos no local felizes. Vale ressaltar que tudo isso que acontece, é em forma de música/canto, brincando e dançando boi bumbá (Sr. Getúlio, entrevista out./2021).

O enredo em destaque é uma narração para apresentação do Boi-bumbá nominado de “FLOR DO CAMPO” que se realiza ao som de música e suas batidas de tambores. A brincadeira envolve diversos personagens. E a festa se dá por meio da voz dos brincantes e, o instrumento que dá o som são os baques de suas lanças que vão batendo no chão. As músicas cantadas na roda das festas do boi-bumbá, em sua maioria são de autoria dos próprios brincantes. Sobre musicalidade do boi-bumbá, destaca Ribeiro das Chagas Leitão (2018, p. 12):

As suas diversidades são, sem dúvida, um de seus elementos caracterizadores de suas identidades culturais, com um reflexo importante em suas músicas. Dessa forma, essas músicas tradicionais e populares compartilham dessas competências e habilidades específicas, estabelecendo características próprias, particulares, também representando papel significativo nos acontecimentos da vida social, apresentando estruturas e significados como aspectos importantes no desempenho de tal música.



A música é um elemento imprescindível na apresentação do boi-bumbá. Uma das músicas de autoria do Sr. Getúlio é diferente das culturas de outros locais, devido ele fazer músicas com afinidades com a realidade e a cultura local, conforme ressalta no trecho de uma das músicas que é cantada durante o momento de apresentação do boi-bumbá de Calados.

Ooooooh que estrada tão escura,
olho e não vejo ninguém, ooooooh
que estrada tão escura, olho e não vejo ninguém...
mas eu só vejo... rostinho branco, será meu amor que vem...
mas eu só vejo... rostinho branco, será meu amor que vem...
Balança meu boi balança... balança, balança boi...
na hora da vaquejada o flor do campo já chegou...
eu mimo zé campeão receba de boa vontade...
pelo olho se conhece quanto vale uma amizade...
balança meu boi balança... balança, balança boi...
na hora da vaquejada o flor do campo já chegou...
eu mimo zé campeão receba de boa vontade...
pelo olho se conhece quanto vale uma amizade...
(Autor: Getúlio Madeiros)

A musicalidade na cultura do boi se mostra importante, pois é algo cultural vivido por Calados. Como expressa o pensamento de Vygotsky, (2008), a música origina-se da inserção de experiências vividas individualmente e socialmente, se manifesta nas palavras expostas na letra da música que se apresenta com duas conotações: a possibilidade natural de expressão através da música e a habilidade e sensibilidade adquiridas, havendo um intercâmbio entre esses pontos de vistas. Como aponta Seeger em sua obra:

Para se abordar a questão de porque certas formas de músicas possuem estruturas sonoras diferentes uma da outra, a música não deve ser pensada apenas como uma estrutura de sons, mas, sobretudo, como um acontecimento que se configura como desempenho e está inserido numa sociedade e numa situação dadas. (SEEGER, 1977, p. 43).

A música anima e faz entender o cordão do boi, ajudando a compreender o enredo narrados impulsionados pela melodia composta por compositores locais. Isso não é diferente



quando se trata do boi mirim, conhecido como “ESTRELA DALVA”, que vem sendo nos últimos anos, a melhor forma de recuperação dessa cultura. Para o Sr. Getúlio:

A nossa ideia aqui, para ver que não acaba o boi, é investir no boi mirim, e ultimamente é o que estamos fazendo, deixamos um pouco de lado o “boi grande” e focamos no boi mirim. Como a juventude já não quer participar do boi grande, aí a gente já vai preparando essas crianças, para ver se quando eles crescerem, eles se interessam. O boi mirim vem fortalecendo essa ideia a cada ano” (Sr. Getúlio, entrevista, out./2021).

A visão do entrevistado é despertar interesse nas crianças pela cultura do boi, para que se possam fortalecer os conhecimentos por ela produzidos torcendo para que no futuro possa colher bons frutos. Essa estratégia que possibilita o contato com a cultura na tenra infância, pois esta é uma fase que as crianças têm muita curiosidade por aprender e essa atividade cultural do Boizinho, entra nos gostar infantil por ter muitas referências com a ludicidade dessas faixas etárias. Essas crianças são as que vêm nos mostrando que isso é possível, brincar, se divertir com a cultura do boi, como se observa nas figuras (02 e 03).

Figura 02: Apresentação do Boi Miri de Calados.



Fonte: Francielma Brito, em 30/10/2021.

Figura 03: Apresentação do Boi Mirim, no projeto Aldir Blanc.



Fonte: Francielma Brito, em 30/10/2021.



As imagens acima mostram o boi mirim se apresentando na comunidade em um terreirão, contando com a presença de algumas pessoas que foram assistir. É notória a presença somente de crianças compondo o corpo brincante, os enfeites juninos servem para dar alegria ao local. O boi mirim tem cerca de seis anos de história, fundado pelo seu Getúlio e sua família, vem encantando a todos na comunidade, pois o mesmo possibilita aqueles que não conheceram a festa do boi grande, como todos na comunidade chamam o boi bumba “FLOR DO CAMPO”. Mesmo sendo nomes e brincantes diferentes, os dois não se diferem em nada um do outro, tudo que acontece no boi grande (flor do campo), acontece também no boi mirim (Estrela Dalva, figura 04).

Figura 04. Brincantes do Estrela Dalva



Fonte: Francielma Brito, em 30/10/2021.

Na imagem, temos a presença de um garoto, neto do Sr. Getúlio. Ele é quem guia os brincantes e o Boizinho até o terreirão. Todos arrumados a caráter do que se pede nesse ritual. O boi é de pano, aparentemente. Não é possível observar, mas possivelmente vai uma criança ali embaixo do boi para poder levá-lo até o local da apresentação.

O boi mirim vem como forma de resgate da cultura do Boi-bumbá em Calados. Mas, uma tarefa muito fácil, pois chega o momento em que, muitas crianças não querem participar e as que participavam, quando crescem sentem incomodo, vergonha e acabam deixando de participar. Isso leva ao enfraquecimento da cultura. Para o Sr. Getúlio e outros entrevistados, seria muito importante que a escola contribuísse com esse estudo de resgate a cultura local.

[...] se na escola tivesse uma diretora e um projeto para implementar lá, seria uma ótima oportunidade para tentar fazer resgate. Teve um projeto da Lei Ardir Blanc que veio ajudar a gente não só no resgate da cultura, mas também veio ajudar com o recurso, porque tem materiais que são caro, as vezes eu penso que, isso também pode ser um problema que faz com que muita gente não participe mais. Ainda mais hoje em dia que tudo está caro, aí as vezes, as pessoas podem até querer brincar, mais as



vezes pode ser isso que fazem eles não quererem participar (Getúlio, entrevista out./2021).

O interesse da escola aparenta ser zero com relação ao resgate, segundo o entrevistado, pois o mesmo não vê a instituição se manifestar de nenhuma forma com relação há um possível reviver dessa manifestação popular. O órgão escolar nunca programou em seu currículo estratégias, nem projetos (depois do extinto mais educação) que fosse possível fazer a inclusão desta cultura entidade. Por isso, o corpo responsável por tudo na cultura do Boi-bumbá, vem sempre buscando outros meios para dar suporte nas necessidades encontradas, se escrevendo em projetos municipais e estaduais para tentar conseguir algum recurso.

Os Estados de maior relevância com a cultura do boi-bumbá citado aqui, Maranhão e Amazonas, segundo o portal IPHAN de notícias, exposto acima, são locais que buscam trabalhar a cultura aqui estudada em sala de aula. Pois lá eles entendem que para a valorização desta, é extremamente importante mostrar e ensinar para seus alunos sobre tal manifestação cultural desde cedo para que os mesmos possam entendê-la e valorizá-la desde cedo.

Diante disso, o entrevistado aponta que o recurso sempre é fundamental em tudo e com relação a essa dança não é diferente, encontrar projetos que possam suprir essa demanda é muito importante. Com isso, como forma de impulsionar as crianças do boi mirim, veio um projeto para a comunidade proporcionado pela Lei Aldir Blanc, onde esse possibilitaria um projeto que lhes permitia obter uma premiação em dinheiro que acabara por facilitar na compra de materiais para os brincantes e personagens da dança. A Lei Aldir Blanc, também chamada Lei Aldir Blanc de Emergência Cultural ou Lei Aldir Blanc de apoio à cultura, é como ficou denominada a Lei nº 14.017 de 29 de junho de 2020 elaborada pelo Congresso Nacional com a finalidade de atender ao setor cultural do Brasil, maior afetado com as medidas restritivas de isolamento social impostas em razão da pandemia de Covid-19.

Esta cultura por sua vez, foi selecionada e pode ter esse recurso, então veio dá uma animada na comunidade com relação à cultura, pois com ele, o Boizinho pode sair para brincar de uma forma que se mostrou bastante viva essa tradição na comunidade. Daí foi possível observar a importância de algo grandioso como esse prêmio, de um investimento, de algo que veio como grande ajuda neste possível resgate com esses pequenos garotinhos, como vemos na figura (05).



Figura 05: Vaqueiros, camponeses e indígenas reunidos antes da apresentação.



Fonte: Francielma Brito, em 30/10/2021.

Aqui nós podemos observar vários meninos de idades diferentes, onde todos fazem parte do boi mirim. Uns vestidos de índios, outros de camponeses, outros normais, mas todos com seus papéis nesta dança. A imagem traz uma reflexão sobre um possível resgate, onde percebe o interesse dessas crianças em fazer parte dessa cultura, mais para que isso venha a acontecer seria muito importante o papel da escola nesse cenário que a cultura do Boi-bumbá se encontra.

3.5. Como são trabalhados a relação entre a cultura do Boi Bumbá e o currículo na instituição escolar?

Como é citada acima, a cultura do Boi-bumbá de Calados, para haver esse resgate de cultura, precisaria com certeza da ajuda da escola. É importante frisar, que os entrevistados em sua maioria relatam que nunca ouviram falar sobre a cultura do boi bumbá na escola, mas sim outras culturas, como por exemplo, a do samba de cacete e a quadrilha.

Outros entrevistados disseram já ter ouvido falaram sobre tal cultura no ambiente escolar, só que a história em si não é muito bem explicada pelos profissionais da educação. Muitos dos professores só abordam o tema cultura na escola, quando é época de festa junina, pois nessa época os alunos são “obrigados” a participar se não acabam ficando sem alguma nota.

Segundo Fazenda (1996, p. 78-80), “a escola, nesse quesito, tem um papel fundamental de promover, fomentar e cultivar nos alunos o prazer pela leitura e pelas formas de cultura oral. Práticas que levam os alunos a refletir sobre o meio onde vivem e como transformá-lo usando



as aulas agregadas à sua vivência cotidiana”. Hoje em dia acredito que independente do ambiente em que estamos inclusos, há a necessidade de se trabalhar a interdisciplinaridade na escola, para que os alunos possam conhecer melhor sobre sua própria realidade, para que esses alunos possam ter um excelente ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, a busca por esse resgate se faz necessário na escola, no meio educacional, como pontua (Caldas; Filho e Pinto, 2013, p. 01), que assim argumentam: “as práticas podem levar os alunos a vislumbrar de forma concreta os personagens e atua sentindo suas emoções e trazendo à tona esse tal resgate do lúdico que anda meio esquecido em nossas escolas”.

Pensamos o boi-bumbá na escola como artefato cultural, pois o enredo do “Auto do Boi” referenda uma relação de poder, de conflito político, étnico e de luta por territórios (Ardaia da Silva e Scaramuzza, 2021, p. 08). A escola é sim um lugar onde todos deveram desfrutar de prazerem e emoções, tanto lendo um livro, fazendo uma equação matemática, quanto descobrindo coisas sobre nossa cultura que poucos sabem. Caldas, Filho e Pinto (2013, p. 01-02), fazia essa reflexão:

Que o ensino da língua portuguesa pode e deve ser ponte que negocie com os alunos o prazer do descobrimento, da magia que há por trás das histórias de suas manifestações culturais e também dos livros que o narram, fazendo com que os alunos tenham um imenso prazer com as narrativas das manifestações culturais da sua região.

Segundo alguns entrevistados, só foram possíveis para eles saberem sobre a cultura do boi-bumbá e as demais culturas da comunidade, porque viram em algum outro lugar, onde esse não era a escola. Esses entendem ser importante estudar sobre culturas diversas da comunidade para uma melhor compreensão sobre a tal. Pois se acredita que os alunos ficam muito presos aos conteúdos escolares como única forma de aprendizagem nas diferentes áreas do conhecimento.

Entendemos serem muito importantes os conhecimentos das disciplinas que a escola passa. Mas, há necessidade da formação desses alunos com outro ponto de vista sobre cultura em que vivem. Barbosa (2005, p. 65) cita que “o saber é importante, faz-nos ver a escola por outro prisma, mais vale lembrar que o saber popular excede toda e qualquer educação formal, carregando consigo toda a herança cultural de povos ao passar dos anos”.



Essa herança vinda da cultura popular, tem dificuldades de adentrar no espaço escolar. No caso aqui tratado, a liderança oficial da comunidade que trabalha a cultura do boi, tem buscado dialogar com os representantes oficiais da escola para o desenvolvimento de parcerias e de estudo da cultura no espaço escolar, mas infelizmente, relata o entrevistado que: “a conversa não saía da sala, e o que era conversado lá dentro, ficava por lá mesmo” (Getúlio, entrevista out./2021).

O currículo escolar e obviamente muitos educadores têm dificuldades em desenvolver conhecimentos escolares em sintonia com os saberes e conhecimentos vivenciados na própria localidade onde a escola está inserida. Por isso, dialogam com os sujeitos sobre a cultura popular, mas não conseguem ultrapassar do plano da mera conversação. Isto é notório no relato que diz:

[...] pelo currículo escolar, eu sempre pedia... colocava para os professores que eles deveriam colocar no currículo escolar, a cultura a respeito do boi bumba, da quadrilha, do samba... enfim, todas as tradições culturais daqui da comunidade. Até mesmo a história de Calados, sempre eu coloco para os professores colocarem no currículo escolar esses temas... falar a respeito da cultura de Calados e eu acredito que a professora de estudos amazônicos sempre fala nas aulas dela. Eu acredito que a escola pode ter um papel fundamental nesse possível resgate, aí só resta ter um compromisso da escola junto com os professores para resgatar aproveitando o boi mirim que já está aí... acredito que dá certo (Maria Carmina, entrevista out./ 2021).

É perceptivo que em outras épocas a escola nunca demonstrou interesse em dialogar sobre a possibilidade de fazer um resgate da cultura, principalmente do Boi-bumbá. A diretora, no período das entrevistas, demonstrou ter um carinho por essa cultura, e pede para os professores se unirem nessa perspectiva da busca por ter de volta essa dança. Em diálogo com uma professora da escola, onde a mesma da aula de português apresenta essa importância da implantação no currículo escolar das manifestações populares presente na comunidade, pois na visão dela, se todos ali envolvidos estão deixando suas tradições de lado, não muito tarde, o território ao redor deixará de apresentar em suas características o que é mais importante, que são os deixados pelos seus antepassados:

[...] eu acho que a escola deveria ter uma responsabilidade com isso, né... nesse resgate aí da cultura, né... para não deixar se perder. Como principal órgão de ensino da comunidade, a escola deveria ter essa responsabilidade e assumir esse papel aí, pra não deixar se perder né. O papel da escola é não deixar a cultura se acabar, né, então a escola, ela tem assim... eu vejo que escola tem uma obrigação de interagir com a comunidade, com essas crianças... É, recomeçar através das crianças, né... tentar fazer com que as crianças participem, os adolescentes e a juventude de modo geral, então



para isso a escola também tem que estar na frente... ela tem que liderar, né... pra ver se essas crianças continuam interessado pela cultura do boi.” (Lourdes Medeiros, entrevista, out./2021).

Na perspectiva da professora de língua portuguesa, com quem foi feita a pesquisa, escutou-se que:

Todos os diretores que passaram e o que passarem futuramente, deveria ter como obrigação a responsabilidade em incluir no currículo da escola, as manifestações culturais e a história da comunidade, assuntos esses que nem um diretor ou diretora já implantou antes. Através das crianças pode ser um ponto de partida fundamental em rumo ao reviver dessas culturas (Lourdes Medeiros, entrevista, out./2021)

Ao observarmos as narrativas expressas, se confirma a ideia de que a escola de fato não consegue trazer para o debate curricular os ensinamentos presentes na realidade da comunidade. Isso pode levar os sujeitos sociais a perda de identidade histórica e cultural como marcos das raízes tradicionais. Esse pensamento se relaciona com os estudos de Ferreiro (1981, p. 45-60) quando “ressalta a valorização das histórias ouvidas e contadas pelas crianças é descrita pelos professores, pois assumem significação no processo de construção da linguagem e do saber”.

Freire (1979, p. 37-40) reitera que de fato, “ao nos aproximarmos da natureza do ser que é capaz de se comprometer, estaremos nos aproximando da essência do ato comprometido com a sociedade em que está incluso”. Tais perspectivas indicam o quanto é importante a intervenção da escola via currículo escolar, no resgate da cultura, como espaço onde os professores podem assumir o compromisso em passar os conteúdos disciplinares interligando ao contar de grandiosas histórias da cultura da comunidade, fazendo assim, a interdisciplinaridade e entrelaçando conhecimentos e saberes da realidade vivida aos pela escola difundido.

É importante frisar que na escola foi feito a implantação de um projeto do governo federal, onde o mesmo foi desenvolvido em 2014. O mesmo buscava desenvolver os alunos da instituição de ensino em várias áreas, conhecido como “mais educação” onde foi possível trabalhar também sobre o resgate das culturas da comunidade, porém a única cultura em que se realizou o resgate foi a do samba de cacete. E, assim mesmo só durou apenas três anos, extinto por falta de verbas.

Em suma, um programa do governo teve como função primordial dentro da escola, viabilizar aprendizagens sobre uma cultura. Com isso, percebemos o quanto é importante para



a cultura local, que a escola dialogue sobre tais aspectos na educação básica. Sobretudo, no intuito de não deixar desaparecer marcos da história de um povo e seu lugar. Deu certo uma vez. Isso é um marco que indica ser possível a escola se comprometer com responsabilidade e dedicação com aquilo que faz parte da cultura de um povo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No momento em que optei por pesquisar sobre esse tema, não tinha ideia que esse campo de pesquisa era tão extenso, pois não conhecia a fundo toda essa cultura. Observava nos momentos das apresentações tudo o que ocorria, mais havia ali outro lado que não conhecia, como por exemplo, não era visto as orações que os brincantes faziam antes das apresentações; que a pessoa que ficava dentro do boi, em alguns momentos das apresentações saía para tomar água ou até mesmo era trocado por outra pessoa; enfim, são coisas, que não é possível perceber quando se está prestigiando essa cultura e a pesquisa me permitiu adentrar e conhecer, tendo noção do que rola antes dessas apresentações.

Com o estudo e os registros de campo, chegamos ao entendimento que as apresentações do Boi-bumbá na comunidade quilombola de Calados, têm similaridade com diversas festas do Boi-bumbá, Brasil a fora. Não exatamente em tudo, mais em suas formas de apresentação da dramatização, melodias, gestos corporais, quantitativo de brincantes, dentre outras. Porém o que se nota é que, mesmo tendo essa similaridade, a comunidade não abraça a causa, quando o assunto é o resgate da cultura.

No decorrer das entrevistas foi possível notar a falta de interesse por parte de alguns moradores. Uns inclusive, personagens dessa pesquisa. A indisposição para aprender sobre a cultura do Boi-Bumbá indica nos resultados da pesquisa que a cultura do Boi Bumbá, pode vir a desaparecer. Essa ideia, não é uma mera frase criada pelo pesquisador. Ela nasceu da preocupação de alguns participantes da pesquisa, no qual nos propomos averiguar se tal situação é pertinente. E, ao observarmos os registros apontados pelos dados do referido estudo, constatamos que uns jovens, sentem vergonha em participar como brincante da cultura do Boi-Bumbá. Pois se nota claramente uma juventude ligada as informações trazidas de fora do mundo cibernético para a cultura local onde nem todos dispõem dessas ferramentas tecnológicas e a escola reproduz uma educação bancária que não dialoga com o currículo presente na comunidade.



A educação projetada na perspectiva de uma educação bancária, dominante, inviabiliza o resgate do patrimônio cultural de uma comunidade. Com isso, ela e todos da comunidade perdem. Uma vez que, se compreende que a escola tem esse “poder” de acatar ou não os conhecimentos e saberes locais., pois por meio dela temos um espaço, onde se é possível encontrar as crianças, os adolescentes e os jovens e adultos. E, se a escola, fizer um esforço de fazer esse resgate, quem serão os primeiros a ter acesso a esse tema, são os estudantes que nela estão inclusos. Como notamos, o boi mirim vem sendo o principal responsável por esse resgate, porém precisa do apoio de alguma instituição pública presente na comunidade de Calados.

5. REFERÊNCIAS

AZEVEDO NETO, Américo. **Bumba meu boi no Maranhão**. 2. Ed. São Luiz: Alumar. 1997.

BARBOSA, Derly. A competência do educador popular e a interdisciplinaridade do conhecimento. In. FAZENDA, Ivane C. Arantes. (Org.). **Práticas interdisciplinares na escola**. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2005, p. 65-77.

CALDART, S. R.; PALUDO, C.; DOLL, J. **Como se formam os sujeitos no campo?** Idosos, adultos, jovens, crianças e educadores. 1.ed. Brasília: PRONERA: NEAD, 2006.

CHAUÍ, Marilena. **Cidadania Cultural - O Direito à Cultura**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006

C. CHRISTIANE DE SOUZA MARTINS. **Política e cultura nas histórias do bumba-meu-boi - São Luiz-Maranhão-XX**. Niterói, 2015.

COSTA, Wagner Cabral. **Baiando com Catirina e Pai Francisco: Desejo e malandragem no auto do Bumba-meu-boi**. História do nordeste, n. 21. 2001.

_____. D. ARDAIA DA SILVA; G. F. SCARAMUZZA. **A cultura folclórica do boi-bumbá na escola: proposições para pensar uma ação pedagógica interdisciplinar**. 2021.

FAZENDA, Ivane Catarina Alves et al. (Org.). **Práticas interdisciplinares na escola**. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 1996.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **A compreensão do sistema de escrita**. 1ed., Barcelona, 1981.

FREIRE. **Educação e mudança**. 12ª Edição. Revista, Paz e Terra. Ano, 1979.



GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

IPHAN (Brasil). **Projeto O Boi vai à escola integra alunos do ensino fundamental à cultura maranhense**. Maranhão: Notícias, 2015.

LARAIA, ROCK DE BARROS. **Cultura: um conceito antropológico**. 14. Ed. Rio de Janeiro. 2001.

LEITÃO, Rogério Ribeiro das Chagas. **A musicalidade do boi-bumbá da ilha: construção de instrumento artístico e pedagógico**. São Luiz, 2018.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literário**. São Paulo: Cultrix, 1985.

_____. NAZARENO, M. **A Cultura do Samba de Cassete e do Boi Bumba na comunidade de Calados**, Baião-Pá. 2018.

SEEGER, Anthony. **“Porque os índios Suya cantam para suas irmãs?”** In Gilberto Velho (Org). **Arte e sociedade. Ensaio de sociologia da arte**. Rio de Janeiro: Zahar Editores. Ano, 1977.

SILVA, ROSÂNGELA GOMES. **“A Festa do boi-bumbá e a reprodução da cultura popular”**. FRAGMENTOS DA CULTURA, Goiânia, v. 21, n. 4/6, p. 229-248, abr/jun. 2011.

SILVA FILHO, M. N.; PINTO, D. C.; CALDAS, D. B. **O auto do Bumba-meu-boi: cultura popular como instrumento de alfabetização**. Revista de ciências da educação, ano XV, n. 28, junho, 2013.

SILVEIRA D. O.; NAKANOME E. S. **O boi-bumbá de Parintins como arte e história pública: do folgado de terreiro ao espetáculo de arena e além**. 2021

SOARES, M. **Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos**. São Paulo, Revista Pátio, nº 29, fev. 2004.

TOLEDO, V. **Memória Biocultural**. ASP-TA: São Paulo. 2008: 14.

TONETO, L. C; TRIGO, L. G. G.; UVINHA, R. R. **Lazer, arte e dança: o bumba meu boi como manifestação cultural na cidade de São Paulo**. São Paulo, 2017.

VYGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem**. 4. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ZANELLA, Liane Carilly Hermes. **Metodologia de pesquisa**. -2. Ed. reimp. Florianópolis. Departamento de Ciências da Administração/ UFSC, 2013.